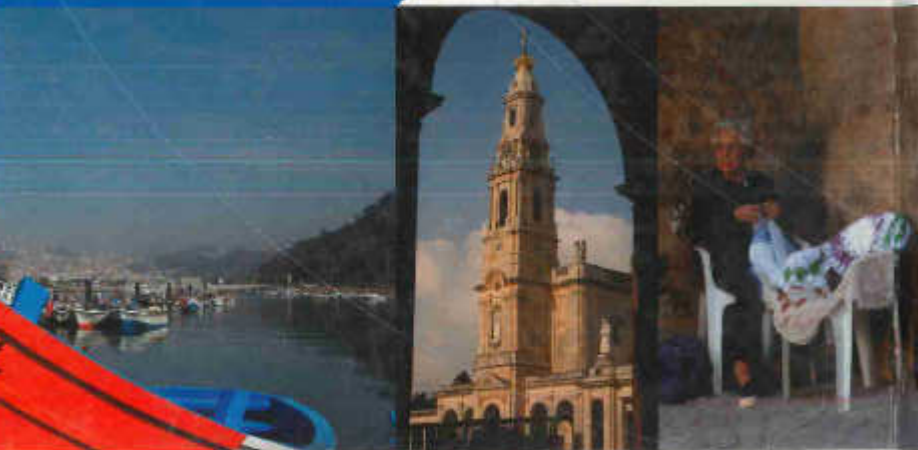




Pensar a Região de Leiria

# Pensar a Região de Leiria



908  
LEI  
49  
A



IPL



Actas do congresso pensar a região da Leiria.

Projecto de investigação

identidade[s] e diversidade[s]

As linhas com que se cosem as pertenças

908 / 11.21 / 2005

Ricardo Vieira (coord.)

# Actas do Congresso "PENSAR A REGIÃO DE LEIRIA"

Edição compartilhada por  
ESEL – Escola Superior de Educação de Leiria  
IPL – Instituto Politécnico de Leiria  
Governo Civil de Leiria

**Título:** Actas do Congresso "Pensar a Região de Leiria"  
**Coordenador:** Ricardo Vieira  
© 2005, Escola Superior de Educação de Leiria e autores  
**Revisão:** Maura Mendes  
**Edição:** Escola Superior de Educação de Leiria e Edições Afrontamento  
**ISBN Edições Afrontamento:** 972-36-0751-4  
**ISBN Escola Superior de Educação de Leiria:** 972-95207-2-0  
**Depósito legal:** 220289/04  
**Execução Gráfica:** Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira  
Janeiro de 2005



Edições Afrontamento  
Escola Superior de Educação de Leiria

# LEIRIA, MUSEUS E IDENTIDADE

*Fernando Paulo Oliveira Magalhães*

Antropólogo  
Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Leiria

## Resumo

Este trabalho, apresentado em comunicação no congresso "Identidade(s) e Diversidade(s) da Região de Leiria: As Linhas com que se cosem as Pertencas", insere-se num projecto de investigação mais vasto, e visa delinear uma observação acerca dos modos e processos museológicos através dos quais o sentimento de pertença se objectiva. Em toda esta dinâmica, o museu, e por conseguinte o seu conteúdo, isto é, o objecto musealizado, constituem-se como *mediuns* privilegiados, através dos quais é "fabricada" a Identidade. Não se trata de um processo passivo, antes conflituoso, onde, em quem decide como e o que serve, para tornar essa identidade objectiva, não estão ausentes as relações hierárquicas de poder. Polémicas à parte, com o texto apresentado pretendemos dar uma visão geral dos museus da Região de Leiria,<sup>1</sup> efectuando para isso, numa primeira fase, um levantamento de todas as instituições museológicas regionais. No exercício desta actividade teve-se como unidade básica cada concelho do distrito, bem como Ourém.

No sentido de averiguar acerca do tipo de museus e objectos que têm sido privilegiados neste discurso da construção identitária regional, procedemos numa segunda fase, à classificação *objectiva* das entidades museológicas, seguindo para isso os sistemas classificatórios propostos pelo Conselho Internacional de Museus,<sup>2</sup> autoridade máxima na definição e aconselhamento de uma política museológica global. Com todas as críticas que se possam fazer a este, como a qualquer outro tipo de classificação, deve-se ter em conta que ele constitui, antes de mais, um primeiro passo no estudo das relações que se podem estabelecer entre os museus e a identidade.

<sup>1</sup> Entenda-se neste contexto, Região de Leiria, como o distrito de que esta cidade é capital, mais o concelho de Ourém.

<sup>2</sup> Veja-se HERNÁNDEZ, L. A., - 1999 *Museologia y Museografía*, Barcelona: Ediciones del Serbal.

*Levem-me a um museu e mostrem-me o meu ser, mostrem-me o meu povo (...). Se não me podem demonstrar o meu ser, se não conseguem ensinar ao meu povo o que ele precisa de saber, e ele precisa de saber a verdade, que nada é mais importante do que a vida humana, se não me podem demonstrar e ensinar essas coisas, então, porque não deveria eu atacar estes templos e amaldiçoá-los?*

Schwartz, Barry; 1971 "Museums: Art for Who's Sake?" *Ramparts* 9: 44.

## INTRODUÇÃO

Pensar os museus significa reflectir sobre organizações que têm um papel a cumprir na sociedade, pois, de outra forma, há muito que teriam definhado. De facto, estes produtos do mundo moderno que, no seu gérmen, serviram para legitimar o oitocentista nascimento dos Estados-Nações, objectivando uma identidade nacional, ao mesmo tempo que criam novas lealdades para com a nação e os poderes nacionais<sup>3</sup> (cf. Duncan e Wallach, 1978; Cantarel-Besson, 1981; Duncan, 1991; Benett, 1995), enfrentam renovados desafios, decorrentes das mudanças socioculturais que se têm vindo a observar, principalmente, desde o término da IIª Guerra Mundial.

Tal como outras organizações produzidas pelo pensamento moderno, racionalista, ocidental, de que temos como exemplo as escolas, também as instituições museológicas não estão isentas de polémicas, que as têm acompanhado desde o seu nascimento. De cemitérios (Tomasi, 1920 *in* Alexander, 1979) a túmulos onde eram depositadas as obras de arte (Hoving, 1968; Harrison, 1977, *in* Shelton, 1992), quais guardiões da memória e das identidades culturais, estes centros de excelência, responsáveis pela recolha, colecção, documentação, preservação, interpretação e exibição de uma parte importante da memória material e imaterial de uma determinada cultura (cf. American Association of Museums, 1973; Smith, 1989; Museums Association, 1991), de tudo um pouco têm sido baptizados.

Se numa primeira fase os museus modernos contribuíram para celebrar a Nação e a sua glória (Pomian, 1987 *in* Dias, 1991), muito rapidamente passaram para a esfera do pensamento local, como objectivadores de uma identidade cultural particular. O que parece mais interessante em todo o desenrolar do processo, é que estas organizações, ao tentarem materializar essa identidade, recorrendo para isso a uma suposta memória colectiva dos feitos que, no passado, ajudaram a edificar a cultura presente, como se esta fosse passível de essencialização, constituíram, contudo, um dos principais veículos de invenção e reinvenção dessas mesmas memórias, e, conseqüentemente, das identidades culturais a elas inerentes.

Estáticos no tempo, os museus acabariam por ser quase aniquilados pela dinâmica social, não fosse reconhecido o seu papel enquanto interventores no desenvolvimento

<sup>3</sup> Veja-se no caso português o discurso de Sebastião José de Carvalho e Melo, mais conhecido por Marquês de Pombal, publicado nos Estatutos da Universidade de Coimbra, em 1772.

sócio-comunitário, principalmente a partir dos anos setenta. Esta apreensão acabaria por dar origem à fundação do Movimento da Nova Museologia, que preconizava uma metamorfose fundamental no conceito de **museu, colecções e objectos, em território**, enquanto estrutura descentralizada, **património**, abrangendo para além da cultura material, a imaterial, tantas vezes esquecida com a ascensão da cultura escrita moderna, e uma **comunidade**, indo ao encontro do seu desenvolvimento (Martins, (s.d.); Nabais, 1984; 1985; 1993). Neste contexto, os museus de região apresentam-se hoje como *um instrumento cultural capaz de encontrar soluções para o desenvolvimento integrado de uma comunidade, na medida em que, através dos recursos naturais, da realidade histórica e cultural, é possível descobrir e aproveitar criteriosamente os elementos geradores de riqueza e de qualidade de vida das gentes* (Nabais, 1993:262). Tendo em mente este quadro, não se pode, segundo António Nabais (1993), falar na existência de um verdadeiro Museu de Região, seja em Leiria, ou noutra qualquer parte do país. Existem, contudo, na perspectiva de Irisalva Moita (1982), vários museus que reúnem características próprias do tipo regional. Neste sentido, um museu regional de Leiria pode representar todos os aspectos que caracterizam a área geográfico-cultural, geológica, histórica, artística, etnográfica, e/ou outras, do distrito de Leiria mais Ourém *grosso modo*, ou ficar-se por um ou outro desses aspectos, podendo a cobertura museológica da região distribuir-se por vários museus, ou representar, ainda, apenas os aspectos considerados mais significativos (Adaptado de Irisalva Moita, 1982).

Em Leiria não existe um verdadeiro museu de região. No entanto, a razoável cobertura museológica, representando aspectos caracterizadores do distrito e de Ourém, permitem ter em consideração as teses defendidas por Irisalva Moita. Tendo em conta as perspectivas desta investigadora, pretendemos, com este texto, observar quantos e quais os museus que existem na região, bem como os "sectores" mais representativos nessas instituições e que possam "funcionar" como marcadores privilegiados da identidade leiriense.

Os resultados da investigação, ainda que provisórios, apresentados nesta comunicação, surgem no âmbito de uma das linhas da pesquisa efectuada no seio do Projecto de Investigação *Identidades e Diversidades: As Linhas com que se cosem as Pertenças*.

Elaborámos, assim, um levantamento de todas as instituições museológicas da região, considerando todas as experiências culturais deste género, sob uma perspectiva antropológica. Deste modo, devemos realçar que, com os critérios utilizados neste levantamento, antropológicos, se teve mais preocupação no potencial do papel que esses museus possam assumir no seio da projecção da identidade regional leiriense do que em respeitar todos os critérios objectivos definidos pelo Conselho Internacional de Museus, na determinação do conceito de Museu.

A averiguação das instituições, alvo deste estudo, baseou-se em pesquisas efectuadas quer por via do trabalho de campo, quer nos sítios das câmaras municipais e regiões de turismo, presentes na rede internacional de informação (Internet). Numa sociedade dinâmica onde todos os dias "nascem" e "morrem" organizações é possível que, no decurso da continuação deste estudo, surjam novas instituições e/ou desapareçam muitas outras, pelo que solicitamos a colaboração a todos os interessados nesta matéria, no sentido de mantermos os nossos dados actualizados.

No que diz respeito à classificação dos museus em categorias e subcategorias, recorremos às orientações dadas pelo Conselho Internacional de Museus (cf. Hernandez, 1999), uma vez que estas, apesar de todos os defeitos e limitações que se possam apontar, tal como a todos os outros sistemas classificatórios, permitiram uma base mais objectiva de trabalho, que esperamos, poderá lançar ideias sobre essa construção subjectiva da identidade.

## OBJECTIVOS

Como observámos anteriormente, a objectivação da identidade regional, utilizando os museus como meio, pode fazer-se, quer partindo de um caso particular (um único museu), quer do geral (rede de museus). Tendo este último facto como princípio orientador, definimos como objectivos primordiais, a observação da rede museológica da região, em quantidade e qualidade, a averiguação da existência de museus em cada um dos concelhos, as actividades musealizadas mais representativas da região de Leiria, a projecção da(s) identidade(s) leiriense(s) por intermédio de colecções particulares de objectos, bem como a verificação dos museus mais representativos da região.

FIGURA 1



## METODOLOGIA

A metodologia utilizada no decurso deste trabalho<sup>4</sup> consistiu no levantamento de todas as instituições museológicas, concelho a concelho, em todo o distrito de Leiria, mais Ourém, recorrendo para isso, como já observámos, quer ao trabalho de campo, quer à rede internacional de informação (Internet). Seguidamente elaborámos a classificação dos museus da Região de Leiria, em categorias e subcategorias, de acordo com as orientações do Conselho Internacional de Museus, adaptando as suas orientações globais à realidade local, presente neste estudo.

FIGURA 2



<sup>4</sup> Neste trabalho exploratório, a grelha de análise ainda não é tão refinada quanto se pretende, de futuro, vir a usar.

QUADRO 1

### Os Museus da Região de Leiria (distrito e Ourém) concelho a concelho

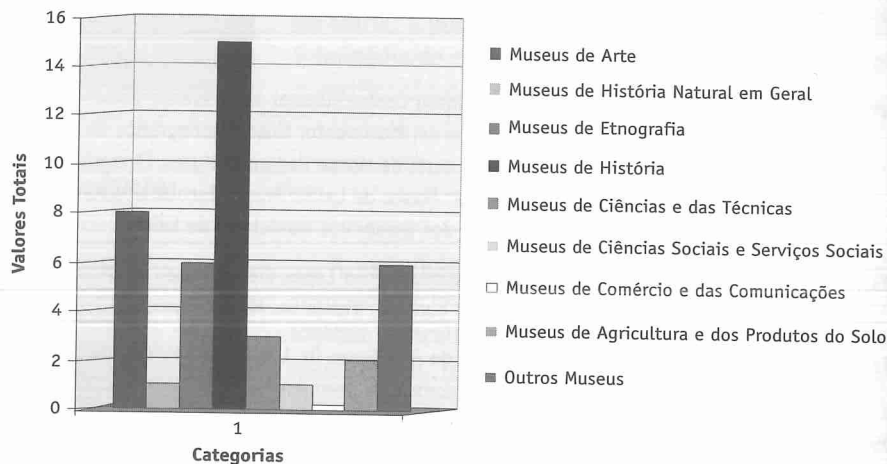
Concelhos	Museus
Alcobaça	Casa Museu Vieira de Natividade ou Museu de Alcobaça; Museu do Mosteiro de Alcobaça; Museu Nacional do Vinho; Museu Militar de Aljubarrota; Museu Agrícola da Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento florestal de Cister.
Alvaiázere	
Ansião	
Batalha	Museu do Mosteiro de St. <sup>a</sup> Maria de Vitória; Museu Etnográfico da Alta Estremadura / Casa da Madalena.
Bombarral	Museu de Arqueologia.
Caldas da Rainha	Atelier Museu António Duarte; Casa Museu Rafael Bordalo Pinheiro; Museu de Cerâmica; Museu José Malhoa; Museu Atelier João Fragoso; Museu do Hospital e das Caldas.
Castanheira de Pêra	
Figueiró dos Vinhos	
Leiria	Casa Museu Centro Cultural João Soares; Mimo – Museu de Imagem em Movimento; Museu Monográfico do Bário; Museu casal de Monte Redondo; Museu Etnográfico do Freixial; Museu de Leiria; Museu Escolar dos Marrazes; Museu dos Bombeiros Municipais de Leiria.
Marinha Grande	Casa Museu Afonso Lopes Vieira; Museu do Vidro; Museu da Santos Barbosa, Vidros Sa. Museu Municipal Joaquim Correia.
Nazaré	Museu de Arte Sacra Dr. Luís Neste; Museu Etnográfico e Arqueológico Dr. Joaquim Manso.
Óbidos	Museu de Óbidos.
Ourém/Fátima	Casa Museu de Aljustrel; Ecomuseu do Olival; Museu de Cera de Fátima; Museu de Fátima 1917 – Aparições.
Pedrógão Grande	Casa Museu Manuel Nunes Correa; Museu de Arte Sacra; Museu Pêro Cruz.
Peniche	Museu de Peniche.
Pombal	Museu Etnográfico de Almagreira; Museu Municipal Marquês de Pombal.
Porto de Mós	Museu de História Natural de Porto de Mós; Museu Municipal de Porto de Mós; Museu Militar de São Jorge – Museu Militar.

Por intermédio deste quadro podemos observar uma maior dinâmica museológica nas metades centro e sul do distrito. A parte norte, coincidente com os concelhos situados acima de Pombal, evidencia um número escasso de instituições museológicas, observando-se o oposto no centro e sul. Esta riqueza qualitativa e quantitativa parecem coincidir com uma elevada concentração populacional, em oposição ao norte, detentora de grandes tradições no domínio de vários sectores económicos, sociais e culturais. Destacam-se, pela sua tradição industrial, Alcobaça e a Marinha Grande, centros onde o vidro e a cerâmica não só se assumiram como importantes fontes económicas seculares, mas também como *âncoras* identitários da região.

Por outro lado, a cidade de Leiria, capital de distrito, assume especial relevância nos serviços, educação e cultura, visível na sua musealização. Caldas da Rainha, intitulada como uma capital cultural da região, possui um rico património artístico, patente em vários museus de pintura e de escultura. Destaque ainda para Ourém/Fátima, que, por razões óbvias, possui várias instituições museológicas ligadas à religião católica.

GRÁFICO 1

## Os Museus da Região de Leiria por categorias

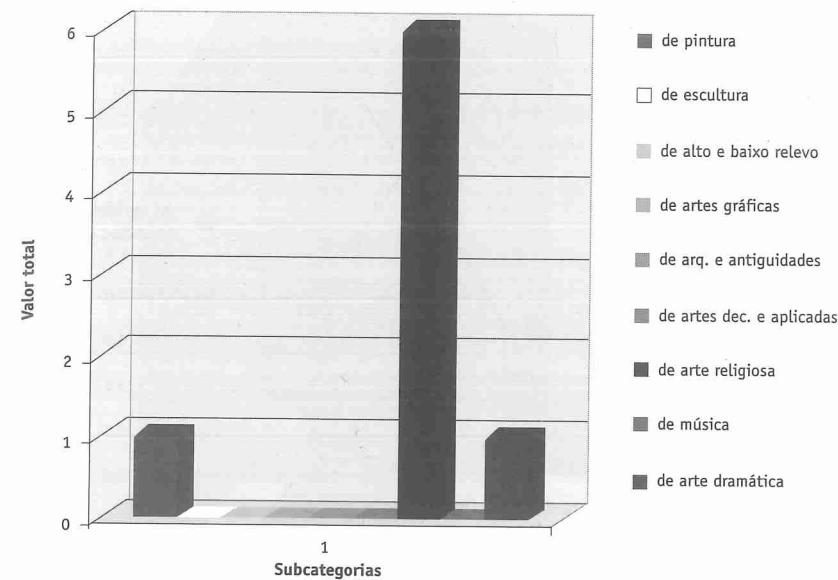


Observando o gráfico acima exposto, podemos constatar a elevada riqueza cultural da região, bem visível nas três categorias museológicas mais representativas. De facto, os museus de história, de arte e de etnografia, por ordem decrescente, e de acordo com a classificação proposta pelo Conselho Internacional de Museus,<sup>5</sup> assumem-se como os mais representativos da região. Seguem-se os *Museus de Ciências Sociais e Serviços Sociais*, e a categoria por nós acrescentada, *Outros Museus*.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Ver HERNÁNDEZ, L. A., - 1999 *Museologia y Museografía*, Barcelona: Ediciones del Serbal.

<sup>6</sup> Optámos por criar esta categoria uma vez que a realidade museológica e cultural local reveste-se de uma riqueza, de dimensão tão vasta, que se torna impossível "engavetar" e "catalogar" objectivamente

GRÁFICO 2

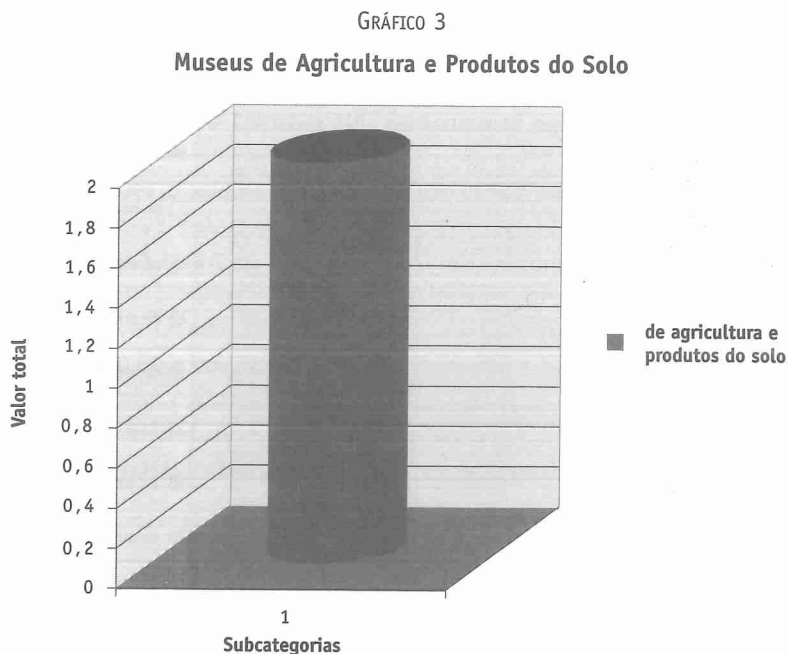
Os Museus da Região de Leiria por subcategorias  
Museus de Arte

Dentro da subcategoria "Museus de Arte" podemos observar que os museus de arte religiosa são os mais representativos. Tal como um pouco por todo o país, o peso da religião católica, durante a Idade Média,<sup>7</sup> foi imenso nesta região. Mesmo mais que em qualquer outro lugar, esse facto deixou marcas profundas num património edificado riquíssimo, onde pontuam, de entre outros, os Mosteiros de Alcobaça e da Batalha, ou o Santuário da Nossa Senhora da Nazaré. Os museus de pintura e de arte dramática são as outras sub-categorias representadas, e estão concentrados nos concelhos de Caldas da Rainha e de Leiria, respectivamente.

Paralelamente aos museus de história natural, os museus de arte assumiram um relevo particular como definidores das identidades nacionais, durante os séculos XVII e especialmente XVIII e XIX. O primeiro e maior símbolo dos novos paradigmas socio-culturais que então se começavam a instaurar um pouco por toda a Europa, foi o Louvre. Este museu de arte não só redefiniu a identidade política dos seus visitantes, conferindo-os como cidadãos leais aos novos Estados-Nação, como atribuiu novos significados aos objectos, exibindo e qualificando uns, enquanto obscurecia e distorcia outros. Os museus de arte apareciam assim como uma exaltação dos feitos da Nação, simbolizando uma nova relação entre o Estado como benfeitor e os indivíduos enquanto cidadãos identificados com aquele (Duncan, 1991; Magalhães, 2001).

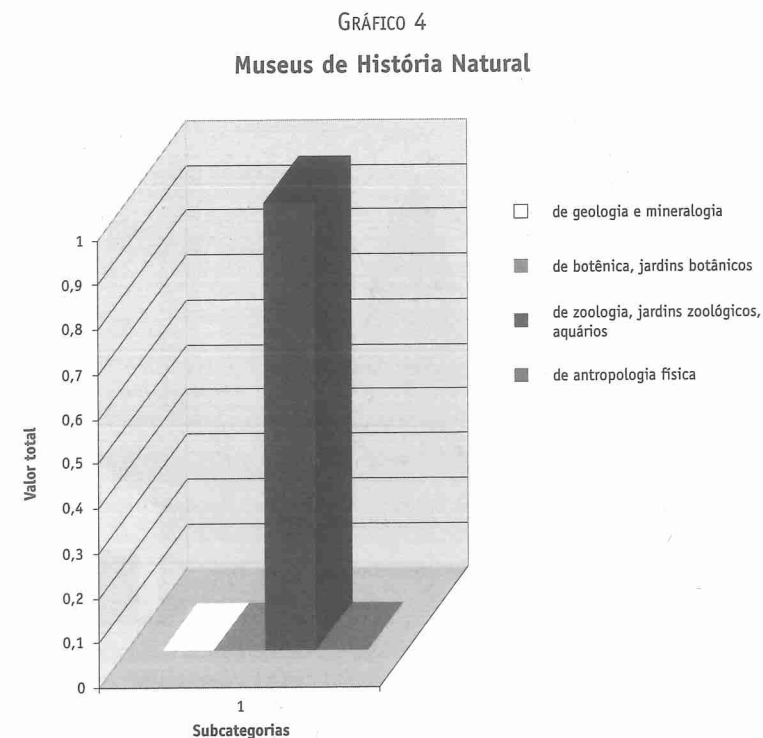
todos os museus. Existem instituições cujo espólio é tão diversificado, que resulta completamente impossível inseri-los em qualquer uma das categorias definidas pelo Conselho Internacional de Museus.

<sup>7</sup> A este propósito consulte-se de entre outra documentação Fortunato de Almeida em *História da Igreja em Portugal*, 8 volumes, Coimbra, 1910-1924.



Não obstante a tradição agrícola que marcou Portugal durante séculos, ou mesmo milénios, esta não só teve maior peso noutras regiões do país, como parece não demonstrar uma acentuada musealização das actividades a ela ligadas. Em toda a região encontram-se, portanto, apenas dois museus dedicados à agricultura e produtos do solo.<sup>8</sup>

Neste caso, contudo, a análise do gráfico deve ser efectuada com extremo cuidado, pois observa-se com grande frequência a integração de museus associados às actividades agrícolas na subcategoria *Museus Etnográficos*, objecto de análise posterior.



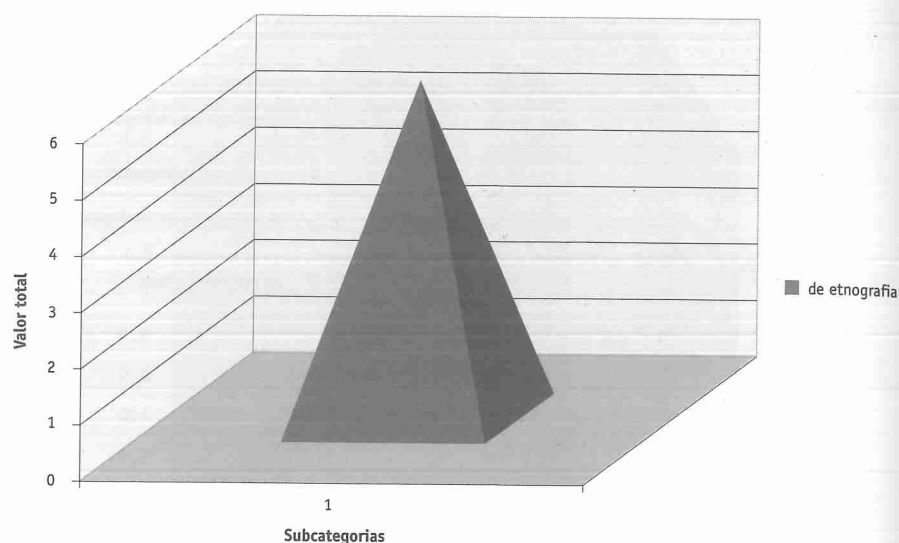
À semelhança do ocorrido na subcategoria anterior, *Museus de Agricultura e Produtos do Solo*, também não observamos, na região, uma grande presença de Museus de História Natural.<sup>9</sup> A única instituição representada situa-se no concelho de Porto de Mós.<sup>10</sup> Desta forma, os museus de história natural não se parecem assumir como grandes marcadores identitários da região de Leiria. Se compararmos este quadro com o contexto histórico nacional e internacional nos quais se dá o nascimento dos museus de história natural, verificamos que, ao contrário do que se passa a nível regional, eles constituíram os primeiros *verdadeiros* museus modernos, substituindo os anteriores Gabinetes de Curiosidades (Magalhães, 2001). Tal como virá a acontecer com os museus de arte, os de história natural contribuíram para celebrar a Nação e a sua glória. Mesmo os objectos provenientes de outras sociedades ou da Natureza ilustram a Nação que os recolheu, com a legitimação de que havia sido o esforço e os sacrifícios dos seus artistas, sábios e exploradores, o responsável pela recolha de tais objectos (Pomian, 1987 *in* Dias, 1991).

<sup>9</sup> A este propósito, deixaríamos uma referência especial para a Pedreira do Galinha (conjunto de pedregalhas de Dinossáurios), situada no lugar do Bairro, Concelho de Ourém, que, pelo seu valor patrimonial e paisagístico poderá, no futuro, vir a integrar esta categoria de museus.

<sup>10</sup> Referimo-nos ao Museu de História Natural de Porto de Mós.

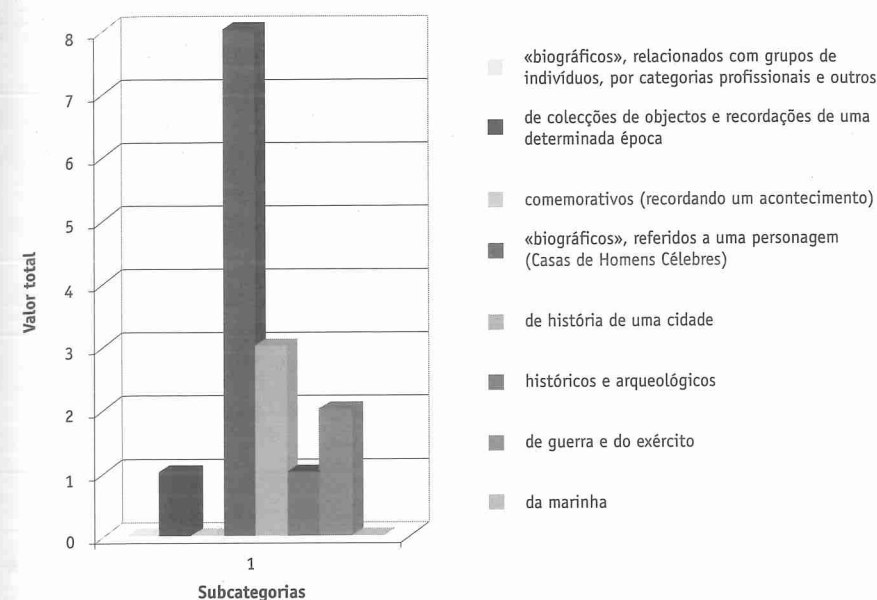
<sup>8</sup> Trata-se dos Museus Nacional do Vinho e Agrícola da Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Florestal de Cister, ambos localizados em Alcobaça.

GRÁFICO 5  
Museus de Etnografia



Testemunho da grande riqueza cultural de Leiria e Ourém, os museus de etnografia pontuam um pouco por toda a região. Estes incluem a musealização de todas as actividades económicas, sociais e culturais. Sendo dos grandes marcadores da identidade cultural de uma região, os museus etnográficos actuais inspiram-se na fundação do Museu Etnográfico português, em 1893, resultado da conjugação de esforços de Leite de Vasconcelos e Bernardino Machado (Ramos, 1993: 40; Raposo, 1993; Magalhães, 2001). A importância sócio-cultural dos museus de etnografia está bem patente nas palavras de Bernardino Machado, então ministro das Obras Públicas e lente da cadeira de Antropologia na Universidade de Coimbra, quando refere que em todos os países cultos há museus d'esta natureza (in Ramos, 1993:40).

GRÁFICO 6  
Museus de História

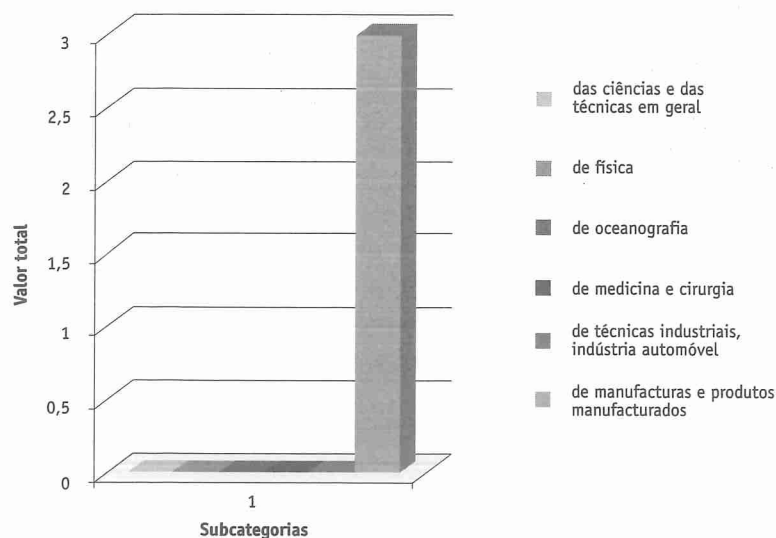


Os museus de história não podem, nem devem ser vistos como *ilhas* no contexto museológico regional, de resto, tal como acontece com todas as outras instituições museológicas de Leiria e de Ourém. Contribuindo para celebrar uma identidade cultural da Região, forjada ao longo de séculos, não causa admiração o facto de se tratar, observando os dados do gráfico, de uma das categorias mais representativas da identidade regional. Os museus de história constituem, desta forma, um *medium* privilegiado no permanente fazer-se e refazer-se da identidade cultural leiriense.

A leitura do gráfico desvenda ainda outros pormenores interessantes e que contrariam uma certa opinião senso-comunal segundo a qual, a "falta de voz" e de peso político da região junto dos poderes centrais, é devida à ausência de grandes personalidades ou nomes de relevo no contexto nacional.

Os museus de história não podem ser dissociados dos de história natural. Pode-se mesmo dizer que estes constituem uma das géneseis mais importantes daqueles (cf. Carvalho, 1993). Os museus de história locais e regionais só começam a aparecer no início do século XX, quando é reconhecida a importância da criação de um museu histórico municipal em Lisboa (cf. Ramos, 1993: 47).

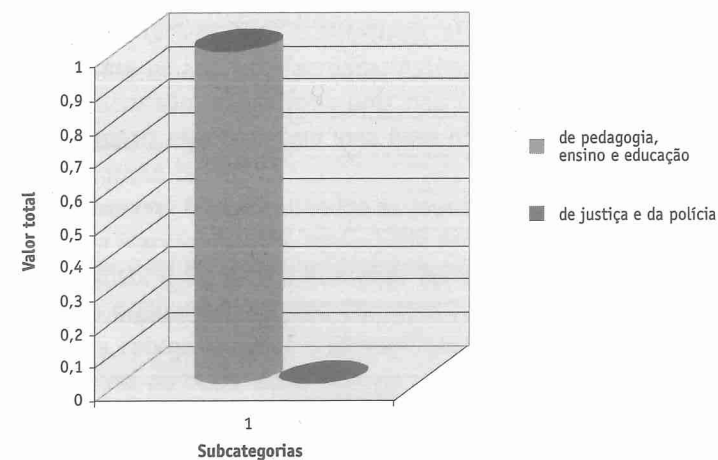
GRÁFICO 7  
Museus de Ciências e das Técnicas



Os museus de ciências e das técnicas foram outros que, a par dos museus de história natural e dos museus de arte, tiveram um lugar privilegiado no pensamento nacionalista oitocentista (cf. Ramos, 1993). Em Portugal, os primeiros protótipos desta categoria de museus podem ser encontrados no Gabinete de Física, existente no Real Museu da Ajuda, constituído em finais do século XVIII e alvo de grande admiração. Neste contexto, destaca-se ainda o Gabinete de Física Experimental da Universidade de Coimbra, também da segunda metade do século XVIII, que viria a ser considerado o mais completo da Europa (Carvalho, 1978).

Na região de Leiria museus deste tipo também foram aparecendo, sobretudo associados à sua grande dinâmica empresarial. Este último aspecto é o responsável pelo maior destaque da subcategoria "museus de manufacturas e produtos manufacturados". A crescente metamorfose de actividades económicas em culturais tem contribuído para que museus da cerâmica ou do vidro se assumam como verdadeiros marcadores objetivos da identidade regional.

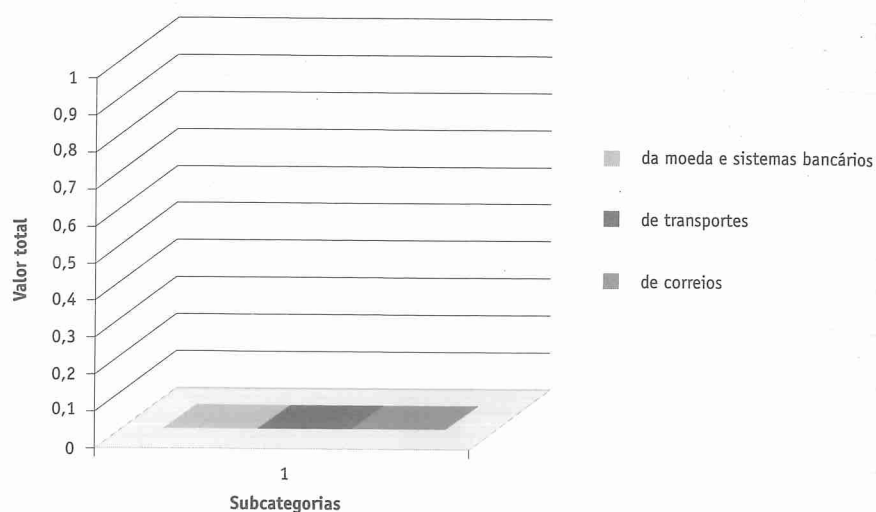
GRÁFICO 8  
Museus de Ciências Sociais e Serviços Sociais



A categoria "museus de ciência sociais e de serviços sociais" parece representar pouco no contexto regional. De facto, não existe qualquer instituição museológica associada à justiça, em sentido lato, marcando presença "apenas" o Museu Escolar dos Marrazes, na subcategoria "museus de pedagogia, ensino e educação". Apesar de único, este museu assume um relevo especial, se pensarmos que é conseguida uma simbiose entre o museu e a escola, ambos produtos do pensamento moderno e com o mesmo objectivo: criar lealdades para com os novos poderes dos Estados-Nação, forjando-se assim uma identidade nacional. Hoje, tanto as escolas como os museus reflectem acerca da necessidade e da importância de uma maior aproximação às comunidades locais, colocando à sua disposição instrumentos que conduzam a um efectivo desenvolvimento económico, social e cultural (cf. Nabais, 1993). Destaca-se ainda, relativamente ao Museu Escolar dos Marrazes, o facto de se tratar de uma experiência única a nível nacional e rara internacionalmente falando.

GRÁFICO 9

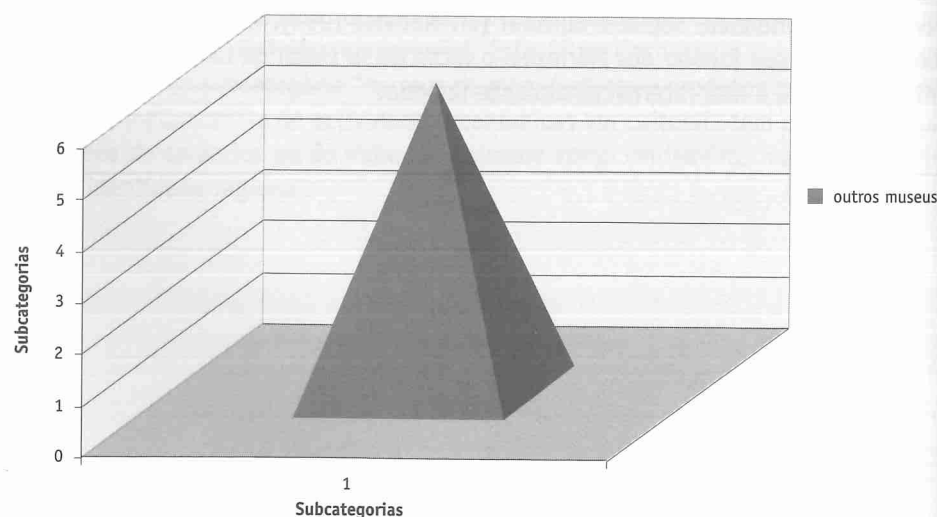
## Museus de Comércio e das Comunicações



No que diz respeito às subcategorias "museus da moeda e dos sistemas bancários", "museus de transportes" e "museus de correios", não verificamos a presença de qualquer uma delas na região. Neste contexto, e segundo este sistema de classificação, podemos afirmar a não existência de qualquer instituição museológica que demonstre servir como referencial para a construção da identidade regional leiriense.

GRÁFICO 10

## Outros museus



A classificação objectiva da riqueza museológica de uma determinada região é uma árdua tarefa, quase impossível de realizar. Neste contexto, e tendo em conta que a Região de Leiria apresenta uma vasta rede de museus, das mais diversas dimensões, quer em termos quantitativos quer qualitativos, afigurou-se importante a introdução de uma nova categoria na análise efectuada. Assim, se todos os sistemas classificatórios podem, e de facto são, criticáveis, pois não é possível uma definição clara das tipologias museológicas, eles oferecem uma base objectiva de trabalho, muito útil no contexto da investigação científica.

É, contudo, impossível classificar todos os museus da região, a título de exemplo, o Museu do Vidro da Marinha Grande tanto pode ser industrial, (de produtos manufacturados) como artístico. Onde está a fronteira? Por esta razão, e salvaguardando o sistema classificatório proporcionado pelo Conselho Internacional de Museus, decidimos introduzir uma nova categoria, onde pudessem ser inseridos os casos mais problemáticos, em que, por uma ou outra razão, não se afigurassem detentores de um lugar nas outras categorias.

## CONCLUSÃO

Concluindo, os museus constituem instrumentos fundamentais para pensar a identidade de uma região, pois permitem-nos observar como uma determinada sociedade se apropria e privilegia certos objectos na construção e projecção do seu discurso identitário. Toda a identidade se constrói na diferença, em que o "nós" precisa de âncoras, objectos que materializem o seu sentimento de pertença, algo que torne esse "nós", diferente dos "outros". É assim que, tal como há cerca de 200 anos atrás, os nascentes Estados Nação se apropriavam de uns objectos, colocando-os em destaque, enquanto obscureciam outros (Sherman e Rogoff, 1994), no discurso da identidade nacional, também hoje, por uma ou outra razão, certos artefactos assumem um lugar de destaque na objectivação da identidade regional. No contexto da região de Leiria, actualmente, parecem assumir um lugar privilegiado, os objectos associados à História, à Arte e à Etnografia, na construção da identidade. É no entanto necessário muito cuidado na leitura do sistema classificatório, pois não é possível uma categorização objectiva dos museus da região. As fronteiras entre uma categoria ou subcategoria e outras são muito ténues.

Nas palavras de Krystof Pomian (1982), relativamente aos museus da nossa região, pode-se observar a passagem de certas *comodities*,<sup>11</sup> a objectos de museu, e estes, desviados da sua função comercial, passam a fazer a ponte entre o mundo imaginário e o visível, entre o subjectivo e o objectivo sentimento de pertença, numa infinita e dinâmica relação dialéctica. E isto é comum, quer aos vidros quer à cerâmica ou ainda à pintura ou escultura.

<sup>11</sup> Expressão anglófona que designa os objectos presentes no circuito comercial, e que os distingue, por exemplo, dos objectos de museu.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDER, P. E. (1979), *Museums in Motion: An Introduction to the History and Functions of Museums*, Nashville-Tennessee, The American Association for State and Local History.
- AMERICAN ASSOCIATION OF MUSEUMS (1973), *Museum Accreditation: Professional Standards*, Washington, pp. 8-9.
- BENNETT, T. (1995), *The Birth of the Museum: History, Theory, Politics*, London/New York, Routledge.
- CANTAREL-BESSON, Y. (1981), *La Naissance du Musée du Louvre*, vol. 1, Paris, Editions de la Réunion des Musées Nationaux, pp. XXV.
- CARVALHO, A. G. de (1993), «Museus de História Natural», in Rocha-Trindade, M. Beatriz (coord.) *Iniciação à Museologia*, Lisboa, Universidade Aberta.
- CARVALHO, R. de (1978), *História do Gabinete de Física da Universidade de Coimbra*, Coimbra.
- DIAS, N. S. (1991), *Le Musée D'Etnographie du Trocadero*, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique.
- DUNCAN, C.; WALLACH, A. (1978), «The Museum of Modern Art as Late Capitalist Ritual», *Marxist Perspectives*, Winter, pp. 28-51.
- DUNCAN, C. (1991), «Art Museums and the Ritual of Citizenship», in Karp I. e Lavine S. D. (eds.) *Exhibition Cultures: The Poetics and Politics of Museum Display*, Washington, Smithsonian Institution Press, pp. 88-103.
- HERNÁNDEZ, L. A. (1999), *Museologia y Museografía*, Barcelona, Ediciones del Serbal.
- HOVING, T. (1968), «Branch Out!» *Museum News*, 47:16.
- MAGALHÃES, F. P. O. (2001), *O Museu, suas Coleções e Objectos: O Caso do Museu de Alberto Sampaio*, Tese de Mestrado, Braga, Universidade do Minho.
- MARTINS, A. M. (s.d.), «Museologia Activa: Contributos para o desenvolvimento», *Actas do IV Encontro Nacional Museologia e Autarquias*, pp. 63-65.
- MOITA, I. (1982), *Museu de Região. Pólo Dinamizador de Acção Cultural*, Lisboa (Actas do Colóquio APOM, 1977).
- MUSEUMS ASSOCIATION (1991), «Code of Conduct for Museum Curator's», *Museums Yearbook*, 13-20, London, Museums Association.
- NABAIS, A. J. C. M. (1984), «Le Musée Municipal de Seixal: Un Ecomusée de Developpment», *Museum*, (142), pp 71-74.
- NABAIS, A. J. C. M. (1985), «Le développement des écomusées au Portugal», *Museum*, (148), pp 211-216.
- NABAIS, A. J. C. M. (1993), «Nova Museologia – Novas Práticas Museológicas», *Vértice 54*, Maio-Junho, pp. 46-50.
- NABAIS, A. J. C. M. (1993), «Museus de Região», in Rocha-Trindade, M. Beatriz (coord.), *Iniciação à Museologia*, Lisboa, Universidade Aberta.
- RAMOS, P. O. (1993), «Breve História do Museu em Portugal», in Rocha-Trindade, M. Beatriz (coord.), *Iniciação à Museologia*, Lisboa, Universidade Aberta.
- RAPOSO, L. (1993), «Museus de Arqueologia», in Rocha-Trindade, M. Beatriz (coord.), *Iniciação à Museologia*, Lisboa, Universidade Aberta.
- SCHWARTZ, Barry (1971), «Museums: Art for Who's Sake?», *Ramparts* 9: 44.
- SHELTON, A. (1992), «The Recontextualization of Culture in U. K. Museums», *Anthropology Today*, vol. VIII, n.º 5, October, pp. 11-16.
- SHERMAN, D. J.; ROGOFF, I. (1994), «Introduction: Frameworks for Critical Analysis», in *Museum Culture*, University of Minnesota Press, pp. ix-xx.
- SMITH, C. S. (1989), «Museums, Artefacts, and Meanings», in Vergo, P., (ed.) *The New Museology*, London, Reaktion Books, pp. 6-21.

AS LINHAS COM QUE SE COSEM  
AS PERTENÇAS DA IMPRENSA REGIONAL

Susana Faria

Paulo Agostinho

Socióloga  
Escola Superior de Educação –  
Instituto Politécnico de Leiria

Jornalista da Agência Lusa

## Palavras-chave

Imprensa regional – mapas mediáticos – identidade regional – pertença

## Resumo

O espaço de uma região é também um espaço de pessoas que comunicam e dialogam. Assim, a identificação do espaço passa também pela dinâmica da comunicação interna dos seus constituintes. Uma das formas de avaliar essa dinâmica envolve uma análise da relação entre o território e a imprensa regional, ultrapassando a simples equação de um produto e do seu consumidor.

Quisemos perceber parcelas dessa dinâmica regional da comunicação social, as suas redes noticiosas e os seus pontos de referência de venda e de anúncios. É óbvio que os pontos destas três realidades – anúncios, notícias e distribuição – não são coincidentes nem os dados fornecidos pelas empresas podem ser passíveis de dúvida. Apesar dos erros, uma análise cruzada destes dados permite desenhar um mapa a traço grosso dos afectos de uma região que quer saber como vive.

## COMUNICAÇÃO

O espaço de uma região é também um espaço de pessoas que comunicam e dialogam. Assim, a identificação do espaço passa também pela dinâmica da comunicação interna dos seus constituintes. Uma das formas de avaliar essa dinâmica envolve uma análise da relação entre o território e a imprensa regional, ultrapassando a simples equação de um produto e do seu consumidor.

A informação enquanto mercadoria selecciona o seu cliente e a territorialidade enquanto factor de selecção das notícias vincula a empresa a um limite do seu público-alvo. Não podemos sonhar com um jornal local de alcance nacional tal como, se calhar, dificilmente poderemos considerar os diários ditos nacionais mais do que títulos de Lisboa e Porto mais os seus arredores.